

REFLETINDO SOBRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS MEDIEVAIS: ARTES DE SABERES E FAZERES NORDESTINOS NUM "MUSEU VIVO DO NORDESTE"

Francinilda Rufino de Souza

UEPB/ PIBIC/ PROPESq

rufinouepb@gmail.com

Robson de Oliveira Silva

UEPB

robson_his@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho é fruto de estudos realizados no projeto de extensão "Museu Vivo do Nordeste", da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, que se encontra em fase de andamento sob a coordenação do professor Esp. Adonhiran Ribeiro dos Santos. Deste modo, partindo da proposta desenvolvida neste projeto que é de conhecer e valorizar as culturas nordestinas, nossa proposta visa com a elaboração deste texto ressaltar como as realidades da vida do nordestino, em especial, as do homem do campo, estão repletas de rupturas, mas principalmente de permanências medievais em suas artes de saber e fazer cotidianos, pois, faz parte do seu modo de viver, seja pela forma como cultiva a terra para plantar, seja pela apropriação da terra onde se vai plantar. Assim, a partir da visualização das peças de "ofícios" da realidade estudada, mediante um vasto acervo disponibilizado no projeto, bem como mediante confronto com textos teóricos lidos é possível estabelecer alguns pontos entre nosso campo de reflexão que abrange o nordestino e o nordeste, e o período medieval. Todavia, vale destacar que apesar deste estudo frisar as rupturas e permanências, nosso principal intuito através deste é versar sobre as continuidades que muitas vezes passam despercebidas em meio ao mundo regido por novidades, rapidez e aceleração, de forma que sejam visualizados os aspectos herdados do período medieval que por sua vez continua a garantir a sobrevivência, em especial, do homem do campo e que no entanto, não são valorizadas, pelo contrário, são alvos constantes de ataques para se modernizarem, ou como falam atualmente, se atualizarem. Enfim, o que objetivamos com estas reflexões é demonstrar que cada prática tem seu valor e merecimento e, portanto, deve ser respeitada, e para, além disso, que por trás de certos saberes pouco valorizados existe uma riqueza de detalhes e especificidade inimagináveis que precisam ser divulgados.

Palavras - chave: "Museu Vivo do Nordeste". Artes de saber e fazer. Homem do campo.

INTRODUÇÃO

Os feitos da Idade Média são devidamente compreendidos e valorizados quando o homem se propõe a deitar um olhar destituído de preconceito sobre esse período histórico. É nesse momento que se vê como o camponês foi capaz de cumprir com seu papel, investindo suas forças para garantir não apenas sua sobrevivência, mas também de todos aqueles que dele dependiam. Cada gota de suor derramada na labuta significou uma contribuição importante para o desenvolvimento de técnicas que garantiriam às gerações futuras maiores facilidades no embate diário contra as forças da natureza (OLIVEIRA, ET AL. 2006, p. 06).

O presente artigo é fruto de um projeto de extensão intitulado **"MUSEU VIVO DO NORDESTE"**, que se encontra em fase de andamento e conta com a coordenação do profº Esp. Adonhiran Ribeiro dos Santos. A dimensão física do projeto se encontra instalado nas dependências de uma casa localizada no bairro de Bodocongó em Campina Grande, espaço no qual residem o coordenador do projeto e sua família. As dimensões pública e privada da residência são devidamente separadas em prol de um melhor funcionamento de ambas e das atividades que ali são desenvolvidas. Vale salientar que a especificidade do ambiente se deve ao fato do projeto ser fruto de uma paixão particular do Profº. Adonhiran, que acabou por se expandir ao ponto do seu acervo ser considerado quantitativamente suficiente para a montagem de um museu, que vem trabalhando para buscar e garantir a manutenção cultural das raízes tradicionais nordestinas.

Assim, dentro da proposta temática apresentada pelo museu, foi observado que dentro das práticas culturais dessas regiões existiam muitas influências herdadas do período medieval. Desta forma, começamos a refletir em que atividades elas seriam mais presentes e se continuavam a ser utilizadas por pessoas na nossa sociedade atual.

Pensando estes aspectos chegamos a uma questão: por que não investigarmos, a partir das próprias peças expostas no museu, como os enunciados contidos em sua materialidade ou em seu uso conotam ligações com práticas medievais? A partir deste ponto começamos a desenvolver este trabalho que contou em primeiro lugar com uma observação das peças nas quais nos centralizaríamos e depois com o auxílio de textos teóricos com vista a fazer uma análise desses processos históricos. .

A primeira vista alguns podem afirmar que não existe nada da Idade Média presente em nossa sociedade, mas basta um olhar mais atento para percebermos uma imensidão de práticas e fazeres cotidianos que vem se perpetuando ao longo dos anos e que

apesar de todo aparato tecnológico existente hoje em dia continuam garantindo seu espaço em nossas vidas.

O MEDIEVO ATRAVÉS DAS PEÇAS DO MUSEU VIVO DO NORDESTE

Pensar a Idade Média na contemporaneidade não é somente fixá-la em uma determinada delimitação cronológica acabada sem relacioná-la com o nosso tempo, mas perceber que apesar desta não estar mais em voga, muitas de suas características ainda são percebidas nos saberes e fazeres cotidianos dos indivíduos. Deste modo a partir da observação de algumas peças do *museu vivo do nordeste* observamos tais continuidades, entretanto, compreendendo suas peculiaridades e limitações, já que o uso de um objeto ou o fazer relacionado a uma prática cotidiana não permaneça tal como era em sua totalidade na Idade Média.

Vale salientar também que existem ainda hoje certos preconceitos relacionados ao período medieval, pois ainda persiste a idéia positivista que segundo Le Goff (1994, p.36):

A Idade Média era para os homens das luzes um período mau, uma idade das trevas [...] os termos <<Idade Média>>, <<medieval>>, <<medievo>> tornaram-se pejorativos. O gosto, complexo e ambíguo, das sociedades desenvolvidas dos nossos dias pela Idade Média dissimula mal um fundo secular de desprezo. A Idade Média é o primitivo – sedutor como a arte negra mas decididamente bárbaro, objeto do perverso deleite do regresso às origens.

Nesta perspectiva Miceli também ressalta que alguns autores ao abordar a Idade Média o fazem sob uma ótica de que este foi um período de “Mil anos de atraso e escuridão, [...], onde gerações se sucederam somente para esperar a chegada dos Tempos Modernos...” (MICELI, 1988, p. 11).

Dessa maneira faz-se necessário responder tais questionamentos: Quais são essas práticas? E de que forma elas vem sendo utilizadas em nossa sociedade? Todavia, para instigar mais ainda a curiosidade do nosso leitor achamos que seria importante tecer primeiro alguns comentários a respeito de como essas duas épocas são vistas.

Deste modo, percebemos que uma das primeiras semelhanças entre o período medieval e a região nordeste é a visão, de certa forma preconceituosa em relação a sua produção cultural, haja vista que tanto o medievo como o nordeste são tidos como lugares de indivíduos "ignorantes" "atrasados" e "primitivos"; outro aspecto é a forte influência da

religião católica exercida nesta região, com suas práticas religiosas que se remetem à Idade Média, entretanto, “a Idade Média possuía tanto encantamento quanto qualquer outro período da História” (MICELI, 1988, p.02), assim como o nordeste.

Embora existam inúmeras características que possam ser abordadas, destacamos em nosso título os saberes e fazeres nordestinos, sendo utilizadas para isso peças do “*Museu Vivo do Nordeste*”, tais como: o tear, partes de arados e de utensílios usados em tração animal, livros de cordel e ferramentas de artesãos podem ser relacionadas aos seus usos na Idade Média - e que se relacionam à práticas de arrendamento de terras para pessoas fazerem sua colheita mediante o pagamento de uma taxa, práticas religiosas e imaginários medievais.

A partir da observação do oratório, e das peças religiosas (crucifixo e bordado sagrado – datados aproximadamente do século XVII; e estátuas de santo) podemos observar através não só de suas características físicas, mas através também de seus usos tradicionais a forma como a prática da religião católica se tornou peculiar de nosso país e de forma mais acentuada em nossa região, e que podemos atribuir relações destas com as práticas religiosas medievais, que segundo Júnior (2006) eram baseadas em uma estrutura hierofânica onde: “Para o homem medieval, o referencial de todas as coisas era sagrado, fenômeno psicossocial típico de sociedades agrárias, muito dependentes da natureza e, portanto, à mercê de forças desconhecidas e não controláveis” (JÚNIOR. 2006, p.139).

O oratório se tornara em nossa sociedade um templo doméstico no qual o “panteão” do catolicismo se aproxima de modo que a relação entre os fiéis e seus santos se tornou “íntima”, uma relação “familiar” no qual o devoto, sustentado pela visão hierofânica do mundo, se valia de sua fé crendo está influenciando nas forças da natureza, como no caso da devoção ao São José, onde diversas práticas de fé, promessas e simpatias buscam trazer chuvas que possibilitem o exercício da agricultura.

Outros instrumentos também nos levam a perceber tais continuidades, como no caso de instrumentos relacionados à agricultura e a produção de alimentos. Um exemplo claro desses instrumentos são as cangalhas de madeira utilizada para a tração bovina, uma usada para puxar um carro de boi e outra usada para o beneficiamento da mandioca em casas de farinhas, cujas datas remontam o final do século XIX e início do século XX, num

período onde já era possível a utilização de máquinas ou a confecção das peças com o uso de metal, mas que devido às tradições e aos meios de obtenção dos instrumentos fazem do uso de práticas que podem ser ainda relacionadas ao medievo.

Outra peça que está relacionada claramente à Idade Média é o moinho de disco de pedra, usada para triturar grãos a fim de fazer farinhas, que no caso da cultura nordestina neste o uso predominante era para produzir farinha de milho. O uso deste utensílio em nossa região foi bastante comum até a metade do século passado, paralelamente ao uso de outros métodos mais modernos de moer grãos, como o uso de moinhos de metal fixados à mesa ou até moinhos movidos a motor. Outro instrumento bem rústico ligado à produção agrária são as balanças mecânicas de braços iguais, usadas na pesagem dos fardos de algodão, que no século XIX foi de grande importância para a agricultura paraibana, e que conserva na sua rusticidade e simplicidade aspectos típicos de sociedades anteriores ao período moderno.

Essas continuidades não estão somente relacionadas à religiosidade e ao ofício, mas também às artes e ao modo de representar a realidade ou o imaginário. Para analisar tais influências, iremos exemplificar através da literatura de cordel. A literatura de Cordel conserva em suas linguagens muitos dos elementos das artes medievais como as rimas, a métrica e ilustração com xilogravura. Além de possuir uma origem medieval, a xilogravura também conserva discursos próprios dessa época, fazendo menção à lugares e seres míticos, que quase sempre estão ligados à cultura oral do povo.

Esses são alguns exemplos de como é possível vislumbrar algumas permanências, já no que diz respeito às rupturas assim como afirma Le Goff (*apud* ALMEIDA, 2011, p. 07):

é preciso esperar o fim do século XVIII para que a ruptura se produza: a revolução industrial na Inglaterra, depois a Revolução Francesa nos domínios político, social e mental trancam com chave o fim do período medieval. A Idade Média se situa entre uma lenta mutação, que judiciosamente de algum tempo para cá se chama de 'Antigüidade tardia', denominação melhor do que Alta Idade Média (aquela que começa mais tarde, por volta dos séculos de VI a VIII), e uma revolução no fim do século XVIII. Entretanto, como a história conserva sempre uma parte de continuidade, fragmentos da Idade Média sobrevivem durante o século XIX.

E para além de suas reflexões diríamos em pleno século XXI que esses fragmentos sobrevivem ainda hoje. Já as rupturas, como bem explicita Le Goff, se iniciaram com as

transformações tecnológicas que foram ganhando espaço devido a sua rapidez e eficiência, não permitindo que artesãos, por exemplo, pudessem sobreviver fazendo frente a essa concorrência. Todavia, mesmo em meio a essas dificuldades alguns permaneceram exercendo seus ofícios, pois, mais que um trabalho seu saber constituía sua própria identidade enquanto sujeito social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseados nas peças observadas chegamos a conclusão que uma das permanências mais visíveis atualmente está justamente no ligamento a terra pelo homem do campo que continua nos mesmos moldes medievais, ou seja, agricultura de subsistência e trabalho servil, bem como a forma de trabalhar a terra que basicamente continua as mesmas, isto é, enxada, foice, arado ou cultivador. É importante destacar que a figura do grande proprietário das terras ainda continua em alta (OLIVEIRA; ET AL, 2006).

Outra característica medieval ligada ao homem do campo é a forma como este se relaciona com o tempo, este aspecto apesar de ser uma permanência presente é um dos pontos fundamentais de rupturas no nosso tempo regido pelas tecnologias. Apesar de nossa demarcação temporal ser avançada – com calendário bem definido – ainda é comum para muitos homens do campo fazerem uso da temporalidade regida pelo clima e pela agricultura, que delimitam o momento certo de preparar a terra, semear e colher.

Podemos observar que, mesmo estando fora da dita Idade Média, muitas de suas características desse tempo podem ser observadas até os dias de hoje, e espaços como o do *Museu Vivo do Nordeste* se tornam lugares cuja observação das peças, do ambiente e dos modos de vida das sociedades de tempos passados servem de exemplo para demonstrar como as delimitações temporais são fluidas e permeiam outras temporalidades.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ana Carolina. **Pensando o fim da Idade Média:** a longa Idade Média de Le Goff e a colonização da América de Baschet. Disponível em: <http://www.revista.tempodeconquista.nom.br/attachments/File/Ana%20Carolina%20Almei da.pdf>. Acessado em: 28 de outubro, 2011.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A Idade Média:** Nascimento do Ocidente. São Paulo:

Brasiliense, 2006.

LE GOFF, Jacques. “Por uma longa Idade Média”. **O imaginário Medieval**. Portugal: Estampa, 1994, p. 35-41.

MICELI, Paulo. **O feudalismo**. Coleção Discutindo a história. Jaime Pinsky. 11. Ed. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

OLIVEIRA, Maria da Piedade Santos; SANTOS, Vânia da Silva Fontes; BASTOS, José Eduardo Bastos. **O Camponês na Idade Média**: Uma vida inteira de sujeição. Artigo, 2006.